

Polarização política nas empresas

Repercussões sobre a gestão empresarial, a teoria econômica e a própria democracia

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do CADE.

O artigo *The political polarization of Corporate America*, de Vyacheslav Fos, Elisabeth Kempf e Margarita Tsoutsoura¹ é de leitura obrigatória não apenas para os que se interessam sobre Direito Empresarial e negócios, mas também por teoria econômica e democracia. No trabalho, os autores procuram mostrar os efeitos preocupantes da crescente polarização política na gestão das principais companhias norte-americanas no período de 2008 a 2020.

Com efeito, na atualidade, a identificação com determinado partido político é o fator preditivo mais significativo dos valores políticos fundamentais de uma pessoa, sendo mais relevante do que qualquer outro parâmetro social ou demográfico. Nesse sentido, Fos, Kempf e Tsoutsoura ressaltam outros estudos que demonstram que as relações sociais -e até mesmo os casamentos - estão se tornando crescentemente homogêneas do ponto de vista político.

A preocupação dos autores é que o fenômeno da partidarização ainda é pouco estudado no ambiente de trabalho, ainda mais sob a perspectiva do quanto ele pode afetar o resultado das empresas. Daí por que o seu estudo se propõe a ser o primeiro a documentar a crescente polarização entre os

¹ Fos, Vyacheslav and Kempf, Elisabeth and Tsoutsoura, Margarita, *The Political Polarization of Corporate America* (August 15, 2023). Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3784969> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3784969>

administradores norte-americanos, bem como estimar a consequência do fenômeno sobre o valor da empresa.

De acordo com a imensa base de dados explorada pelos autores, a maioria considerável dos executivos norte-americanos é republicana. Eram 63% em 2008, cresceram para 75% em 2016 e depois decresceram para 68% em 2020. Paralelamente, houve um decréscimo no percentual dos executivos não filiados a nenhum partido político. Esses achados convergem com outros estudos que já haviam demonstrado a dominância do partido republicano dentre os executivos norte-americanos.

De toda sorte, ainda é preciso considerar, no contexto norte-americano, que essa segmentação também pode variar conforme o estado. Os próprios autores mostram isso, ao ressaltar que há estados, como Califórnia e Nova York, em que os executivos são cada vez mais democratas.

Entretanto, a preocupação dos autores é mostrar os impactos disso para a gestão empresarial e para o valor das companhias. Sob essa perspectiva, a pesquisa por eles apresentada encaixa-se na vertente dos estudos que exploram as conexões entre filiação partidária e decisões econômicas, sendo convergente com os trabalhos que demonstram o quanto a filiação política pode ser determinante para a escolha econômica dos indivíduos.

Esse aspecto é particularmente importante não apenas para o cidadão comum, quando se analisa o peso que suas convicções políticas apresentam na tomada da decisão sobre a gestão econômica de seu lar, mas também para agentes econômicos sofisticados, como os grandes executivos. Também para estes últimos, o alinhamento com o Presidente da República pode ser um forte indicativo para predizer suas decisões de gestão empresarial.

Com efeito, Fos, Kempf e Tsoutsoura advertem para o fato de que a filiação partidária do executivo influencia diretamente tanto o seu comportamento interno - a formação de equipes de trabalho, o seu tempo de permanência na empresa ou mesmo os incentivos para desligamento - bem como as decisões externas e os resultados para a própria empresa.

Dessa forma, o trabalho dos autores reforça conclusões de estudos anteriores no sentido de que a filiação partidária molda a percepção da economia e, conseqüentemente, as decisões econômicas estruturais da gestão

empresarial. Daí por que a polarização política em times gerenciais pode ter importantes implicações para os resultados da empresa.

Basta lembrar que democratas e republicanos divergem profundamente sobre diversos aspectos essenciais para a decisão econômica, assim como têm variados graus de otimismo conforme quem ocupa ou não a Casa Branca. Como o otimismo dos executivos está diretamente relacionado às mais importantes decisões das companhias, tais como investimento e financiamento, é inequívoco que a percepção política dos times gerenciais apresenta impactos sobre a performance e os resultados da empresa e sobre a economia como um todo.

O fenômeno torna-se ainda mais preocupante ao se verificar, a partir da grande base de dados analisada pelos autores, que a animosidade partidária cresceu ao longo dos últimos vinte anos. O percentual de indivíduos com visão altamente negativa do partido oposto mais do que dobrou desde 1994 para ambos os partidos, sendo significativo o percentual de pessoas que entendem que as políticas do partido oposto ameaçam o próprio bem estar da nação.

Em outras palavras, um dos resultados da polarização política é precisamente a intolerância e a possibilidade de convívio com a divergência. Isso reforça a tendência de executivos de se conectarem a pessoas que compartilham suas visões políticas – os autores mostram que tal circunstância responde por 34% de aumento de probabilidade para trabalhar na mesma empresa – e aumenta a dificuldade para que pessoas de partidos opostos possam trabalhar juntas.

Tanto é assim que os autores demonstram que o desalinhamento político dos CEOs com os demais membros do *board* tem efeitos determinantes sobre a probabilidade de sua saída da empresa, ainda que ao preço de resultados financeiros negativos para a companhia. Isso porque um dos pontos altos do estudo é precisamente demonstrar que a saída de executivos em razão de desalinhamento político costuma ter consequências econômicas adversas, diminuindo o valor das companhias, o que pode ser medido com a queda do valor das ações que se segue ao anúncio da saída.

Daí a conclusão dos autores de que, de forma combinada, os achados da pesquisa indicam que a crescente polarização política da América

corporativa não se mostra compatível com o interesse financeiro dos acionistas, razão pela qual o problema deixa de ser apenas político e passa a ser também econômico.

Além do comprometimento imediato do valor das companhias, a saída de CEOs em razão de desalinhamento político pode contribuir para mais resultados negativos a médio e a longo prazo. Diante de tantas evidências que mostram a importância da diversidade em órgãos colegiados de gestão de grandes companhias e os efeitos adversos que um grau muito acentuado de alinhamento dos membros pode ter sobre a independência do *board*, os riscos de maior entrenchamento da gestão e da diminuição do valor da empresa a médio e a longo prazo também se apresentam.

Na verdade, a polarização política e a impossibilidade de composição de equipes executivas mais diversas sob o espectro partidário pode ser fator que até mesmo neutraliza ou reduz a importância de tantas outras iniciativas que, a exemplo das medidas para inclusão de mulheres e negros na alta administração, buscam os benefícios decorrentes da maior diversidade.

Mais do que isso, a excessiva polarização política pode comprometer até mesmo o convívio e a necessária cooperação entre trabalhadores e colaboradores da mesma empresa, razão pela qual os autores alertam para a necessidade de nos preocuparmos com a discriminação política no ambiente de trabalho em um sentido mais amplo. Segundo eles, para além dos focos tradicionais de discriminação no ambiente de trabalho – gênero, raça, orientação sexual e idade – é fundamental ampliar o foco de preocupações para abarcar também a discriminação política.

Para além dessas constatações, o estudo de Fos, Kempf e Tsoutsoura, ao destacar a importância da visão política para a tomada da decisão econômica, ainda realça diversos aspectos importantes para a própria compreensão da economia:

- (i) os fundamentos da ação econômica que, longe de estar representada pela visão do *homo economicus*, é determinada por vários outros elementos, sendo a orientação política e a filiação partidária importantes indicadores preditivos dos comportamentos;
- (ii) as intrínsecas relações entre os vínculos sociais, políticos e econômicos;

(iii) a quanto a visão de mundo e da economia depende da visão político-partidária dos agentes;

(iv) o quanto o otimismo dos executivos, crucial para decisões de investimentos e financiamento das companhias, pode depender mais do alinhamento político com quem ocupa a Presidência da República do que de uma avaliação racional e objetiva de evidências

(v) diante da reflexividade do conhecimento econômico, o quanto a visão política dos gestores de grandes companhias pode influir nos resultados econômicos da sua própria empresa e, no âmbito agregado, nos resultados do próprio país.

Para além das reflexões sobre gestão empresarial, os achados da pesquisa ainda são preocupantes do ponto de vista democrático. Se a polarização política vem impossibilitando até mesmo o convívio de pessoas em órgãos de administração de companhias, como será possível a manutenção da democracia, que pressupõe não apenas o convívio, mas também a aceitação, o reconhecimento e o respeito de todos, ainda que daqueles com os quais se diverge?

Daí por que os problemas apontados pelos autores certamente transcendem a dimensão econômica, propondo importantes reflexões: como assegurar a diversidade tanto na esfera pública como na esfera privada? Como a falta de diversidade na gestão empresarial pode ter importante papel para os resultados da companhia e mesmo para os resultados da economia como um todo? Em que medida a falta de diversidade na esfera privada pode ser fator de risco adicional para a manutenção da própria democracia?

Publicado em 13/09/2023

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/polarizacao-politica-nas-empresas-13092023>